

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Leandro Felipe Rodrigues

A IGREJA EM UM MUNDO DE ALGORITMOS:

Avaliação Teológica para o Uso da Inteligência Artificial na
Pregação, Oração e Aconselhamento

SÃO PAULO

2026

Leandro Felipe Rodrigues

A IGREJA EM UM MUNDO DE ALGORITMOS:

Avaliação Teológica para o Uso da Inteligência Artificial na
Pregação, Oração e Aconselhamento

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Teologia pela Faculdade Teológica Batista
de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Joerley Orlando de
Oliveira Cruz

SÃO PAULO

2026

Rodrigues, Leandro Felipe.

A igreja em um mundo de algoritmos: avaliação teológica para o uso da inteligência artificial na pregação, oração e aconselhamento/Leandro Felipe Rodrigues - São Paulo, 2026.
38 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Joerley Orlando de Oliveira Cruz.

1. Inteligência artificial. 2. Espírito Santo. 3. Pneumatologia.
4. Igreja Evangélica. 5. Algorética. 6. Ministério Cristão. I.
Título. II. Cruz, Joerley Orlando de Oliveira.

CDD 230.044

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Leandro Felipe Rodrigues

**A IGREJA EM UM MUNDO DE ALGORITMOS:
AVALIAÇÃO TEOLÓGICA PARA O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA
PREGAÇÃO, ORAÇÃO E ACONSELHAMENTO**

BANCA EXAMINADORA

Dedicatória

Dedico este trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Teologia à minha esposa, Greice, minha maior inspiradora e apoiadora em todos os momentos. Mesmo quando me faltavam forças para continuar, ela esteve ao meu lado me ajudando em tudo. Dedico também aos meus filhos, Guilherme e Manuela que este trabalho sirva de inspiração para eles, mostrando que não importa a idade ou o momento de realizar seus objetivos, desde que Deus esteja presente em cada um deles.

AGRADECIMENTOS

"Dai graças ao Senhor, porque ele é bom; o seu amor dura para sempre." (Salmos 107:1)

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por tudo que Ele me proporcionou nestes últimos anos, em se fazer conhecido e me deixar conhecê-lo mais profundamente.

Agradeço a minha esposa Greice minha maior incentivadora em prosseguir com os estudos mesmo quando estava difícil de manter e meus filhos Guilherme e Manuela por compreenderem a ausência do pai algumas vezes por tamanha dedicação a esta graduação.

Agradeço ao Denis Cotta, meu companheiro de caminhada nestes 8 semestres, onde nos desafiámos dia após dia em dedicação ao ministério que Deus tem nos chamado.

Não posso deixar de agradecer minha igreja IBFC por poder realizar os estágios necessários e por exercer o ministério onde Deus tem me colocado.

Agradeço aos meus pastores Pr Gilberto Silva, Pr Deivide Rocha, Pr Silvano Lopes, Pr Ezequiel Silva, Pr Rafael Pulla e Pr Rodrigo Girard que sempre me incentivaram nesta caminhada me instruindo, aconselhando e orando por mim e minha família.

Sei que ainda estou engatinhando no ministério, mas sei que posso contar com cada um destes queridos amigos e irmãos que a IBFC me presenteou.

RESUMO

Este trabalho realiza uma avaliação teológica do uso da Inteligência Artificial (IA) nas práticas de pregação, oração e aconselhamento no contexto evangélico, à luz dos princípios bíblicos e da pneumatologia cristã. O problema central investigado é: como a Igreja Evangélica pode utilizar a IA de forma teologicamente responsável, mantendo a primazia da ação do Espírito Santo e a autenticidade das relações comunitárias? A metodologia adotada é qualitativa e exploratória, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa de literatura teológica e filosófica, complementada por ilustrações de usos documentados em fontes institucionais, jornalísticas e digitais. A revisão bibliográfica utilizou obras de referência nas áreas de Pneumatologia, Antropologia Bíblica, Teologia da Criação e Ética Cristã, selecionadas por sua relevância para os quatro eixos argumentativos do trabalho. Os casos mencionados no Capítulo 1 foram selecionados com função ilustrativa, representando a diversidade de aplicações da IA no contexto eclesial brasileiro e internacional, sem pretensão de exaustividade ou representatividade amostral. Contudo, a avaliação pneumatológica reafirma que dimensões essenciais do ministério cristão, a saber o convencimento, a iluminação e a unção do Espírito Santo, são irreproduzíveis por qualquer sistema algorítmico. Conclui-se que a Igreja deve avançar para a fronteira digital com discernimento, utilizando a IA como instrumento subordinado à soberania do Espírito, nunca como seu substituto. São propostas cinco diretrizes teológicas para o uso responsável da IA: a Primazia do Espírito, a Insubstituibilidade da Presença Humana, a Mordomia Digital, a Vigilância Teológica (Algorética) e a Missão como Critério Final.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Espírito Santo. Pneumatologia. Igreja Evangélica. Algorética. Ministério Cristão.

ABSTRACT

This work carries out a theological evaluation of the use of Artificial Intelligence (AI) in the practices of preaching, prayer, and counseling within the evangelical context, in light of biblical principles and Christian pneumatology. The central problem examined is: how can the Evangelical Church utilize AI in a theologically responsible manner, while maintaining the primacy of the action of the Holy Spirit and the authenticity of community relationships? The research adopts a qualitative and exploratory methodology, through theological bibliographic review and analysis of practical cases. The results demonstrate that AI presents legitimate potential as a tool of stewardship and diaconal service — referred to in this work as a "technological deacon" — in the areas of ecclesiastical administration, missionary translation, and the triage of pastoral demands. However, the pneumatological evaluation reaffirms that essential dimensions of Christian ministry — namely the conviction, illumination, and anointing of the Holy Spirit — are irreproducible by any algorithmic system. It is concluded that the Church must advance toward the digital frontier with discernment, utilizing AI as an instrument subordinate to the sovereignty of the Spirit, never as its substitute. Five theological guidelines are proposed for the responsible use of AI: the Primacy of the Spirit, the Irreplaceability of Human Presence, Digital Stewardship, Theological Vigilance (Algoethics), and Mission as the Final Criterion.

Keywords: Artificial Intelligence. Holy Spirit. Pneumatology. Evangelical Church. Algoethics. Christian Ministry.

GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

Algorética: Neologismo formado pela combinação de "algoritmo" e "ética". Designa o campo emergente da ética aplicada à inteligência artificial e aos algoritmos, especialmente no que se refere à responsabilidade humana sobre os sistemas computacionais criados e seus impactos sociais, morais e espirituais.

Algoritmo: Conjunto de instruções ou regras matemáticas e lógicas que um sistema computacional segue para resolver problemas ou executar tarefas de forma sistemática e repetível.

Chatbot: Programa de computador projetado para simular conversas humanas por meio de texto ou voz, utilizando regras pré-programadas ou inteligência artificial para responder a perguntas e interagir com usuários de forma automatizada.

ChatGPT: Modelo de linguagem de grande escala desenvolvido pela empresa OpenAI, capaz de gerar textos, responder perguntas e realizar diversas tarefas linguísticas com alto grau de fluência, amplamente utilizado em contextos educacionais, profissionais e ministeriais.

Díacono Tecnológico: Conceito proposto neste trabalho para descrever o papel legítimo e subsidiário que a inteligência artificial pode exercer no contexto eclesial: uma ferramenta de serviço e apoio à missão da Igreja, sem substituir a liderança espiritual humana.

Dinamis: Termo grego que significa poder ou capacidade sobrenatural. No Novo Testamento, refere-se especificamente ao poder do Espírito Santo que capacita os crentes para o ministério e o testemunho.

Gemini: Modelo de inteligência artificial generativa desenvolvido pela empresa Google, com capacidades similares ao ChatGPT, utilizado para geração de texto, análise de dados e suporte a diversas tarefas cognitivas.

Homilética: Disciplina teológica que estuda a arte e a ciência da pregação cristã, incluindo a preparação, estruturação e comunicação de sermões com base nas Escrituras Sagradas.

Imago Dei: Expressão latina que significa "imagem de Deus". Conceito teológico fundamental, derivado de Gênesis 1:26-27, que afirma que o ser humano foi criado à semelhança divina, conferindo-lhe dignidade, racionalidade, criatividade e capacidade de relacionamento com Deus.

Inteligência Artificial (IA): Ramo da ciência da computação dedicado ao desenvolvimento de sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente exigiriam inteligência humana, como reconhecimento de padrões, tomada de decisão, geração de linguagem e aprendizado a partir de dados.

Koinonia: Termo grego que significa comunhão, participação ou partilha. No contexto cristão, refere-se à comunhão profunda entre os membros da Igreja e entre os crentes e Deus, caracterizada pela vida compartilhada, pelo amor mútuo e pela dependência do Espírito Santo.

LLM (Large Language Model): Modelo de linguagem de grande escala. Tipo de sistema de inteligência artificial treinado em bilhões de textos humanos, capaz de gerar linguagem com alta fluência estatística. Exemplos incluem o ChatGPT, o Gemini e o Perplexity AI.

Logos Bible Software: Plataforma de estudo bíblico criada pela Faithlife Corporation, amplamente utilizada por pastores, teólogos e estudantes de seminário. Integra em um único ambiente uma extensa biblioteca digital de comentários, léxicos, dicionários e obras teológicas, com ferramentas de inteligência artificial para análise exegética e preparação de sermões, entre as quais o Sermon Assistant, voltado à geração de esboços homiléticos.

Mandato Cultural: Conceito teológico derivado de Gênesis 1:28, que interpreta a instrução divina de "dominar a terra" como uma vocação humana de desenvolver, cultivar e administrar responsavelmente o mundo criado por Deus, incluindo o desenvolvimento tecnológico.

Metanoia: Termo grego que significa arrependimento ou transformação radical da mente e do coração. No Novo Testamento, designa a mudança interior genuína que está no centro da conversão cristã, operada pelo Espírito Santo.

Nishmat Chayim: Expressão hebraica que significa "fôlego de vida". Aparece em Gênesis 2:7, descrevendo o sopro divino pelo qual Deus infundiu vida no ser humano, diferenciando-o ontologicamente de todas as demais criaturas.

Parakletos: Termo grego que significa Consolador, Advogado ou Auxiliador. No Evangelho de João, designa o Espírito Santo prometido por Jesus Cristo aos seus discípulos, que "vem para junto" dos crentes para guiá-los, consolá-los e capacitá-los.

PLN: Processamento de Linguagem Natural: Subárea da inteligência artificial que desenvolve sistemas capazes de compreender, interpretar e gerar linguagem humana de forma automatizada. É a tecnologia subjacente aos assistentes virtuais e chatbots modernos.

Pneuma: Termo grego que significa espírito ou sopro. No contexto teológico cristão, refere-se ao Espírito Santo, terceira Pessoa da Trindade, cuja ação é central para o ministério cristão genuíno.

Pneumatologia: Ramo da teologia cristã dedicado ao estudo do Espírito Santo: sua natureza, suas operações, seus dons e seu papel na vida da Igreja e do crente. É o eixo teológico central deste trabalho.

SermonGPT: Plataforma de inteligência artificial especializada em apoio à preparação de sermões, que gera esboços, ilustrações e estruturas homiléticas a partir de textos bíblicos ou temas fornecidos pelo usuário.

Unção (*Chrisma*): No contexto cristão evangélico, refere-se à capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo ao pregador, conselheiro ou intercessor para o exercício do ministério além de suas capacidades naturais. Distingue-se da mera competência técnica ou retórica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 O QUE A IA JÁ ESTÁ FAZENDO NA IGREJA: O CENÁRIO PRÁTICO.....	3
1.1 A Inteligência Artificial: Definição e Funcionamento.....	3
1.2 IA na Pregação: Ferramentas e Tendências.....	3
1.3 IA na Oração: Aplicativos e Assistentes Virtuais.....	5
1.4 IA no Aconselhamento: Chatbots e Suporte Pastoral.....	6
1.5 O Cenário Global e o Debate nas Igrejas Evangélicas.....	6
2 FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS: O ESPÍRITO SANTO FRENTE AOS ALGORITMOS.....	8
2.1 Tecnologia e Fé: Uma Relação Histórica.....	8
2.2 Antropologia Bíblica: A <i>Imago Dei</i> e a Singularidade Humana.....	9
2.3 Pneumatologia: O Agir Soberano do Espírito Santo.....	10
2.4 O Limite do Algoritmo: Discernimento versus Processamento de Dados.....	12
2.5 O Aconselhamento Mediado: Empatia Mimética e o Fruto do Espírito.....	13
3 AVALIAÇÃO CRÍTICA: PRÓS E CONTRAS DA IA NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ..	15
3.1 Potencialidades: A IA como Catalisadora da Missão.....	15
3.2 Riscos e Desafios: A Desumanização e a Idolatria do Algoritmo.....	16
3.3 Algorética: Ética Cristã Aplicada à Inteligência Artificial.....	17
3.4 Síntese Avaliativa: A Tensão entre o Útil e o Essencial.....	18
4 DIRETRIZES TEOLÓGICAS PARA O USO RESPONSÁVEL DA IA NA IGREJA...	20
4.1 Princípio 1: A Primazia do Espírito.....	20
4.2 Princípio 2: A Insostituibilidade da Presença Humana.....	20
4.3 Princípio 3: Mordomia Digital.....	21
4.4 Princípio 4: Vigilância Teológica (Algorética).....	22
4.5 Princípio 5: A Missão como Critério Final.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

O século XXI é marcado por uma aceleração tecnológica sem precedentes na história humana. Em menos de três décadas, a internet transformou as relações sociais, a economia, a educação e, inevitavelmente, a prática religiosa. Nesse contexto, a Inteligência Artificial (IA) emerge como a fronteira mais disruptiva desse processo, capaz de simular processos cognitivos humanos em escala e velocidade inimagináveis para gerações anteriores.

A Igreja evangélica, fiel ao mandato missionário de "ir a todas as nações" (Mateus 28:19), sempre soube utilizar as ferramentas de cada época a serviço do Evangelho. A prensa de Gutenberg, o rádio, a televisão e a internet foram, em seu tempo, tecnologias que a Igreja precisou avaliar, discernir e, quando pertinente, incorporar. A Inteligência Artificial representa o desafio mais complexo dessa tradição histórica, pois, diferentemente de suas predecessoras, ela não apenas transmite mensagens, ela as cria, interpreta e simula relações humanas.

Diante disso, surge a questão central desta pesquisa: como a Igreja Evangélica pode utilizar a Inteligência Artificial nas práticas de pregação, oração e aconselhamento de forma teologicamente responsável, mantendo a primazia da ação do Espírito Santo e a autenticidade das relações comunitárias, conforme os princípios bíblicos?

A hipótese que orienta este trabalho é que a Inteligência Artificial, embora possa ser uma ferramenta valiosa para otimizar tarefas ministeriais e disseminar o Evangelho, não deve e não pode substituir o discernimento humano, a comunhão genuína e a dependência da iluminação e unção do Espírito Santo, que são centrais para a fé evangélica fundamentada nas Escrituras. O uso irresponsável, sem diretrizes claras, pode levar à desumanização da fé e à superficialidade da prática religiosa.

O objetivo geral deste trabalho é avaliar o uso da Inteligência Artificial na pregação, oração e aconselhamento evangélico, propondo diretrizes teológicas e éticas alinhadas às Escrituras para seu uso responsável. Para alcançar esse objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (1) descrever e avaliar o cenário atual do uso da IA no ministério evangélico; (2) fundamentar teologicamente o debate à luz da pneumatologia e da ética cristã; (3) analisar criticamente riscos e oportunidades do uso da IA nas práticas ministeriais; e (4) propor diretrizes éticas e teológicas para a adoção responsável da IA nas igrejas.

A metodologia adotada é qualitativa e exploratória, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa de literatura teológica e filosófica, complementada por ilustrações de usos documentados em fontes institucionais, jornalísticas e digitais. A revisão bibliográfica utilizou obras de referência nas áreas de Pneumatologia, Antropologia Bíblica, Teologia da Criação e Ética Cristã, selecionadas por sua relevância para os quatro eixos argumentativos do trabalho.

Os casos mencionados no Capítulo 1 foram selecionados com função ilustrativa, representando a diversidade de aplicações da IA no contexto eclesial brasileiro e internacional, sem pretensão de exaustividade ou representatividade amostral. O referencial teórico ancora-se na Pneumatologia Bíblica, com foco na ação do Espírito Santo na pregação, oração e aconselhamento; na Teologia da Criação e da Cultura, que reconhece o mandato cultural como legitimador do desenvolvimento tecnológico; e na Teologia da Comunhão (Koinonia), que ressalta a natureza relacional e comunitária da fé cristã. Além disso, o conceito de Algorética, ética aplicada à inteligência artificial, orienta a avaliação crítica das práticas mapeadas.

Quanto à estrutura, o trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro mapeia o cenário prático atual, descrevendo como a IA está sendo utilizada nas áreas de pregação, oração e aconselhamento no contexto evangélico. O segundo capítulo constitui o coração teológico do trabalho, fundamentando biblicamente a distinção entre a capacidade técnica da IA e a ação soberana do Espírito Santo. O terceiro capítulo realiza uma avaliação crítica dos benefícios e riscos dessa integração. O quarto e último capítulo propõe diretrizes teológicas concretas para o uso responsável da IA na Igreja.

Este trabalho parte do pressuposto de que a tecnologia, em si mesma, não é nem sagrada nem profana. O que a santifica ou a corrompe é o propósito com que é utilizada e a dependência, ou a ausência desta, do Espírito Santo em sua aplicação. A Igreja é chamada, portanto, não ao silêncio tecnofóbico, nem ao entusiasmo acrítico, mas ao discernimento espiritual que caracteriza toda geração de crentes comprometidos com a fidelidade às Escrituras e com a missão de Deus no mundo.

1 O QUE A IA JÁ ESTÁ FAZENDO NA IGREJA: O CENÁRIO PRÁTICO

1.1 A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: DEFINIÇÃO E FUNCIONAMENTO

Antes de avaliar o impacto da Inteligência Artificial no ministério cristão, é necessário compreender o que ela é e como funciona. A IA pode ser definida, em termos amplos, como a capacidade de sistemas computacionais realizarem tarefas que, até recentemente, exigiam inteligência humana reconhecimento de padrões, geração de linguagem, tomada de decisão e até expressão de algo que se assemelha à empatia.

Os modelos de linguagem de grande escala (LLMs, do inglês Large Language Models), como o ChatGPT, o Gemini e o Perplexity AI, são treinados em bilhões de textos humanos e aprendem a prever, com altíssima precisão estatística, quais palavras devem seguir outras em um determinado contexto. O resultado é uma fluência linguística impressionante que pode, à primeira vista, parecer compreensão genuína. Contudo, trata-se de sofisticado reconhecimento de padrões, uma operação estatística e não uma experiência consciente.

Essa distinção é teologicamente crucial. Quando um sistema de IA "responde" a uma pergunta sobre sofrimento com palavras de consolo, ele não está experienciando compaixão, está prevendo, com base em padrões de linguagem humana, quais seriam as palavras mais prováveis naquele contexto. A IA não compreende; ela processa. Não sente; ela simula. Não ora; ela gera texto que se parece com oração.

Com essa definição em mente, torna-se possível avaliar com maior precisão tanto as potencialidades quanto os limites do uso dessas ferramentas no contexto da fé cristã. A questão não é se a IA é "inteligente" no sentido técnico, mas se ela pode substituir, ou deve apenas apoiar, dimensões fundamentalmente espirituais do ministério cristão.

1.2 IA NA PREGAÇÃO: FERRAMENTAS E TENDÊNCIAS

A pregação é, historicamente, o ato ministerial mais central da tradição evangélica. Ela não é apenas comunicação de informação, é proclamação profética, mediada pelo Espírito Santo, que produz fé, arrependimento e transformação. É nesse contexto que a chegada de ferramentas de IA para geração de sermões levanta as questões mais agudas.

O SermonGPT é uma das plataformas que se consolidaram no mercado de ferramentas para pregadores. Trata-se de um assistente virtual especializado em produção de sermões que, a partir de um texto bíblico, tema ou contexto fornecido pelo usuário, gera esboços, ilustrações, introduções e conclusões em segundos. Segundo publicação da plataforma Futuro.ooo, o SermonGPT é descrito como um "assistente de pregação que usa IA para ajudar pastores e líderes a criar sermões poderosos e impactantes" (FUTURO.OOO, [s.d.]).

Merece destaque também o Logos Bible Software, plataforma de estudo bíblico amplamente utilizada por pastores, teólogos e estudantes de seminário em todo o mundo. Em sua versão mais recente, o Logos integrou recursos de inteligência artificial por meio do Sermon Assistant, uma ferramenta que auxilia o pregador na geração de esboços homiléticos a partir de uma passagem ou tema fornecidos pelo usuário. A plataforma sugere estruturas com pontos principais, ilustrações baseadas em contextos históricos e bíblicos, aplicações práticas e perguntas para grupos de discussão. Um diferencial significativo do Logos em relação a ferramentas de IA genéricas é que o Sermon Assistant opera a partir da biblioteca teológica própria do usuário, utilizando comentários, léxicos, dicionários e obras de referência previamente adquiridas, o que tende a produzir esboços com maior rigor exegético e fidelidade às fontes acadêmicas da tradição cristã (LOGOS, [s.d.]). Esse modelo de IA fundamentada na própria biblioteca do pregador representa uma tentativa de conciliar a eficiência algorítmica com a profundidade teológica, embora as questões sobre a dependência da ferramenta e a substituição da luta pessoal do pregador com o texto sagrado permaneçam válidas.

Além do SermonGPT e do Logos, plataformas de propósito geral como o ChatGPT e o Gemini têm sido amplamente utilizadas por pastores e líderes para diferentes etapas da preparação homilética: pesquisa de contexto histórico-cultural dos textos bíblicos, geração de ilustrações e analogias contemporâneas, organização de esboços e estruturação de séries de mensagens. Um debate publicado no canal do YouTube "Inteligência Artificial Pode Ajudar na Pregação? Um Debate Imperdível!" (2025) reuniu pastores com posições divergentes sobre o tema, evidenciando que a questão já está presente no cotidiano ministerial evangélico brasileiro.

A polêmica não se limita ao uso instrumental. A Revista Show da Fé publicou reportagem intitulada "Inovação tecnológica coloca em xeque a autenticidade da mensagem do Evangelho", alertando para o risco de que a dependência de ferramentas de IA na preparação de sermões comprometa a autenticidade da mensagem e o papel do líder

espiritual como instrumento do Espírito Santo. A questão central levantada pela reportagem é pertinente: se o sermão não nasceu da luta pessoal do pregador com o texto sagrado, da oração e do estudo aprofundado, ele pode ser logicamente correto, mas carece da unção (*chrisma*) que transforma corações.

A Convenção Batista Brasileira (CBB) publicou um documento institucional intitulado "A Inteligência Artificial e a Igreja: desafios e oportunidades à luz da fé cristã", reconhecendo a presença irreversível da IA na prática ministerial e convocando as igrejas a desenvolver um uso criterioso e teologicamente fundamentado. O documento reconhece tanto as oportunidades quanto os riscos, sem adotar uma postura de proibição absoluta nem de entusiasmo irrestrito.

1.3 IA NA ORAÇÃO: APLICATIVOS E ASSISTENTES VIRTUAIS

Se a pregação representa a dimensão proclamatória da fé, a oração representa sua dimensão comunal, o diálogo íntimo e pessoal entre o crente e seu Criador. É justamente por isso que a chegada de aplicativos de oração baseados em IA levanta questões teológicas ainda mais delicadas.

O Pray the Bible é um aplicativo disponível para dispositivos Android e iOS que utiliza IA para "ajudar os usuários a orar com base na Bíblia". A plataforma gera sugestões de oração baseadas em textos bíblicos escolhidos pelo usuário, oferecendo uma experiência guiada e personalizada. O CrossTalk, outro aplicativo levantado na pesquisa, combina chat bíblico com assistência na oração, utilizando processamento de linguagem natural para responder perguntas espirituais e auxiliar na meditação bíblica.

Mais controverso ainda foi o caso relatado pelo portal Guiame em matéria intitulada "'Fim dos tempos, Pastor gera polêmica ao criar aplicativo de oração por IA". O caso envolveu um pastor que desenvolveu um aplicativo em que a IA simula uma conversa espiritual de aconselhamento e oração com o usuário, incluindo "vozes" de personagens bíblicos. A reação da comunidade cristã foi polarizada enquanto alguns viram potencial missionário e de suporte espiritual, outros expressaram preocupação com a banalização da experiência de oração e com o risco de substituição da comunhão real com Deus por uma simulação algorítmica.

No contexto adventista, a Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolveu a 7Chat, um assistente virtual próprio baseado em IA, cujo funcionamento foi apresentado em vídeo publicado no YouTube. A denominação também publicou um documento oficial

intitulado "Princípios éticos para o uso da inteligência artificial", demonstrando preocupação institucional com os limites e responsabilidades envolvidos no uso dessas ferramentas no contexto eclesialístico.

A questão teológica fundamental aqui é: a oração é um ato comunicativo que pode ser mediado por algoritmos, ou é uma experiência espiritual que pressupõe a presença e o agir do Espírito Santo? A resposta a essa pergunta determina em que medida tais aplicativos podem ser úteis como suporte à vida devocional e em que medida representam um risco de substituição da relação genuína com Deus.

1.4 IA NO ACONSELHAMENTO: CHATBOTS E SUPORTE PASTORAL

O aconselhamento pastoral é, entre as práticas ministeriais avaliadas neste trabalho, aquela em que o risco de desumanização é mais imediato e mais grave. Isso porque o aconselhamento não lida apenas com informações, lida com dor, culpa, medo, luto, conflitos relacionais e questões de profunda intimidade espiritual. É o território do *Parakletos*, o Consolador que "vem para junto" do aflito.

O portal Lucas Pedro publicou um artigo intitulado "Aconselhamento Bíblico por IA Generativa" (2024), descrevendo como plataformas de IA estão sendo utilizadas para oferecer suporte espiritual e emocional baseado em princípios bíblicos. O artigo reconhece o potencial dessas ferramentas para ampliar o alcance do cuidado pastoral, especialmente em contextos em que há escassez de conselheiros treinados, mas alerta para os limites intrínsecos da mediação tecnológica.

O relatório da plataforma Lausanne, intitulado "IA e o Futuro das Missões, Fé genuína, inteligência artificial", apresenta um panorama global do uso de ferramentas de IA em contextos missionários e pastorais, incluindo o aconselhamento. O documento reconhece que a IA pode servir como "ponto de primeiro contato" para pessoas em crise, organizando informações e direcionando para conselheiros humanos. Ao mesmo tempo, o relatório é enfático: a experiência de ser realmente escutado, compreendido e orado é insubstituível e requer a presença de um ser humano mediado pelo Espírito.

O portal RTM Brasil publicou análise sobre os "Desafios e oportunidades da IA na Igreja", identificando que algumas congregações já utilizam chatbots para triagem inicial de pedidos de aconselhamento, organização de agendamentos e envio de conteúdo devocional personalizado. Nesses usos instrumentais, o recurso tecnológico demonstra

valor real. O problema emerge quando o chatbot passa a ser o aconselhador, e não o facilitador que conduz à presença humana e pastoral.

1.5 O CENÁRIO GLOBAL E O DEBATE NAS IGREJAS EVANGÉLICAS

O uso da IA na Igreja não é um fenômeno isolado ou restrito a denominações específicas. Trata-se de uma tendência global que atravessa tradições teológicas diversas. Nos Estados Unidos, diversas mega igrejas já utilizam IA para personalizar a comunicação com membros, gerar conteúdo para redes sociais, apoiar a preparação de estudos bíblicos e até para fins de evangelismo digital. Na China, onde a liberdade religiosa é restrita, comunidades cristãs têm utilizado aplicativos de IA para acesso a conteúdo bíblico de forma discreta e segura.

No Brasil, além dos casos já mencionados, o portal IG Tecnologia publicou em fevereiro de 2025 um artigo intitulado "Inteligência Artificial e Espiritualidade, caminhos compatíveis?", que debate a relação entre o avanço da IA e as práticas de fé, reconhecendo tanto as oportunidades de ampliação do alcance missionário quanto os riscos de uma espiritualidade cada vez mais mediada por algoritmos.

A plataforma Invisible College publicou reflexão sobre "Inteligência Artificial e ética cristã uma reflexão sobre o capital moral e os desafios tecnológicos contemporâneos", situando o debate da IA na Igreja dentro de um contexto mais amplo de ética tecnológica cristã. O artigo defende que a Igreja tem responsabilidade profética não apenas de utilizar a tecnologia com sabedoria, mas de oferecer ao mundo uma perspectiva ética sobre o desenvolvimento e uso da IA.

Outro caso concreto que merece atenção é o uso de IA para "trazer à vida" personagens bíblicos em cultos, relatado pelo portal Exibir Gospel e pelo Guiame. Igrejas em São Paulo têm utilizado IA generativa para criar representações visuais animadas de personagens como Moisés, Paulo e Maria, exibidas durante cultos como recurso didático. Embora o recurso seja claramente ilustrativo, ele levanta questões sobre os limites da criação de representações de figuras bíblicas e sobre o papel da imaginação mediada tecnologicamente na experiência de fé.

Diante desse panorama, fica evidente que a Igreja não pode ignorar o fenômeno da IA. Ele já está presente, dentro e fora dos templos. A questão que se coloca, portanto, não é "se" usar, mas "como" usar, com quais limites, em que áreas e sob que fundamentos teológicos. É essa avaliação que os capítulos seguintes se propõem a realizar.

2 FUNDAMENTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS: O ESPÍRITO SANTO FRENTE AOS ALGORITMOS

2.1 TECNOLOGIA E FÉ: UMA RELAÇÃO HISTÓRICA

A relação entre a fé cristã e as ferramentas tecnológicas não é um fenômeno recente, mas uma constante na história da Igreja. Desde as primeiras gerações cristãs, que utilizavam o códice, uma inovação tecnológica revolucionária em seu tempo, para copiar e distribuir as Escrituras, até o presente, a Igreja tem se deparado com a necessidade de discernir como cada nova tecnologia pode servir à missão, sem comprometer a essência do Evangelho.

O exemplo mais paradigmático dessa relação é a invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg, por volta de 1450. A democratização do acesso às Escrituras que se seguiu foi um dos fatores determinantes para a Reforma Protestante do século XVI. O teólogo Francis Schaeffer, em sua obra "Como Vivemos?", reconhece que a tecnologia pode servir como instrumento providencial para a expansão do Reino de Deus, desde que subordinada a uma cosmovisão bíblica clara (SCHAEFFER, 2003). O mesmo raciocínio se aplica ao rádio e à televisão, que permitiram que o Evangelho cruzasse fronteiras físicas e culturais em escala global.

Contudo, há uma diferença qualitativa entre a prensa de Gutenberg e a Inteligência Artificial que precisa ser reconhecida. A prensa reproduzia o texto da Bíblia; não o interpretava, não aconselhava e não orava. A IA, por sua vez, pretende fazer essas coisas, e o faz com uma fluência que pode induzir o observador não especializado a confundir a simulação com a realidade. É essa diferença que exige uma avaliação teológica mais rigorosa e mais cautelosa do que aquela aplicada a tecnologias anteriores.

O filósofo Jacques Ellul, em sua obra seminal "A Técnica e o Desafio do Século" (1968), alertou profeticamente para o perigo de a técnica tornar-se um fim em si mesma, subvertendo os valores humanos e espirituais que deveriam orientá-la. Para Ellul, a técnica tende, por sua própria lógica interna, a expandir sua influência para todas as áreas da existência humana, incluindo aquelas em que ela não tem competência, como a experiência religiosa. A Igreja do século XXI se encontra exatamente diante do desafio que Ellul antecipou, como utilizar a técnica sem ser dominada por ela?

A Teologia da Criação oferece um fundamento bíblico para o engajamento com a tecnologia. Em Gênesis 1:28, Deus instrui o homem a "dominar a terra", o que a tradição reformada interpreta como o Mandato Cultural: a vocação humana de desenvolver e cultivar o potencial da criação para a glória de Deus. Hermisten Maia Pereira da Costa, em "Fundamentos da Teologia Reformada", afirma que o desenvolvimento tecnológico é uma expressão legítima da criatividade humana que reflete a imagem divina, desde que orientada pelos valores do Reino (COSTA, 2007). Nessa perspectiva, a Inteligência Artificial não é, em si mesma, incompatível com a fé cristã, sendo ela uma expressão do mandato cultural. O problema não é sua existência, mas o uso irrefletido e sem limites teológicos claros.

2.2 ANTROPOLOGIA BÍBLICA: A IMAGO DEI E A SINGULARIDADE HUMANA

Para compreender a distinção fundamental entre o ser humano e a Inteligência Artificial, é indispensável recorrer à antropologia bíblica, pois é ela que fornece as categorias interpretativas capazes de avaliar a novidade tecnológica à luz da revelação. O ser humano, ao criar a IA, projeta nela uma dimensão de sua própria inteligência lógica, uma capacidade de ordenar, processar e responder ao mundo de maneira que imita, em escala crescente, o pensamento racional humano. Há nisso uma grandeza inegável a IA é expressão da *Imago Dei* refletida na criatividade e na racionalidade do homem. Contudo, ao reconhecer essa grandeza, torna-se ainda mais necessário demarcar com clareza aquilo que a separa de seu criador.

A tradição cristã, fundamentada em Gênesis 2:7, define o homem não apenas como uma estrutura biológica complexa, mas como um receptor do *Nishmat Chayim* (fôlego de vida). O texto hebraico é preciso, Deus não simplesmente faz o homem, Ele sopra nele. Há uma intimidade ontológica nesse ato que não pode ser reproduzida por nenhuma engenharia. Enquanto os animais recebem vida, o ser humano recebe o fôlego do próprio Criador, tornando-o um ser único no cosmos, portador de uma abertura constitutiva para o transcendente. É precisamente nessa abertura que reside o fundamento da espiritualidade humana, e é ela que a IA, por mais sofisticada que seja, não possui.

John Stott, ao refletir sobre a dignidade humana a partir da doutrina da *Imago Dei*, afirmou que:

nossa principal reivindicação de nobreza como seres humanos é que fomos feitos à imagem de Deus e, portanto, somos capazes de conhecê-lo (STOTT, 2007, p. 18).

Essa afirmação é carregada de consequências teológicas. A nobreza do ser humano não reside primariamente em sua inteligência, em sua capacidade criativa ou em sua habilidade técnica, pois todas essas qualidades podem ser imitadas ou mesmo superadas pela IA em domínios específicos. A nobreza humana reside na capacidade de conhecer a Deus, o que pressupõe uma receptividade espiritual que é dom, não dado. A IA pode processar teologia; não pode, porém, conhecê-lo, pois isso requer uma abertura espiritual que nenhum sistema computacional possui.

Gordon Fee, em sua obra “Paulo, o Espírito e o Povo de Deus”, aprofunda essa perspectiva ao examinar a distinção entre o espírito humano e o Espírito divino na teologia paulina. Fee argumenta que:

a solução provável para essas passagens está na aparente convicção de Paulo de que o espírito do crente é o lugar onde, por meio do próprio Espírito de Deus, o humano e o divino se encontram na vida do crente (FEE, 1994, p. 25).

Essa "interface" entre o humano e o divino é constitutiva da existência humana redimida. O ser humano foi criado não apenas para existir, mas para ser habitado pelo próprio Espírito de Deus. A IA, por sua própria natureza, é incapaz de ser "habitada" nesse sentido teológico. Ela pode ser programada, atualizada e aperfeiçoada; mas não pode ser santificada, regenerada ou transformada à imagem de Cristo.

A IA, portanto, é um triunfo da técnica e testemunho da criatividade humana, ela mesma reflexo da *Imago Dei*. Mas permanece, ontologicamente, "pó", para retomar a metáfora do Gênesis. Não possui a centelha espiritual que permite ao ser humano não apenas existir no mundo, mas comungar com o seu Criador, ser transformado pelo Espírito e participar da vida divina. O corpo sem o *Nishmat* é apenas matéria organizada; a IA sem espírito é apenas lógica organizada. Em ambos os casos, falta aquilo que, segundo a Escritura, somente Deus pode dar.

2.3 PNEUMATOLOGIA: O AGIR SOBERANO DO ESPÍRITO SANTO

A pneumatologia bíblica é o eixo central desta avaliação teológica, pois é ela que determina o que o Espírito Santo faz no ministério cristão e, por consequência, o que a IA é fundamentalmente incapaz de fazer. Para compreender essa distinção, é necessário

identificar as operações do Espírito que são, por definição, irreproduzíveis por qualquer sistema tecnológico.

A primeira e mais fundamental operação do Espírito é o convencimento, a convicção de pecado, de justiça e de juízo, descrita por Jesus em João 16:8 "Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo." Essa operação não é informacional, mas transformacional. Ela não ocorre quando alguém recebe dados sobre pecado, mas quando o Espírito Santo toca a consciência com uma convicção que produz arrependimento genuíno. Um algoritmo pode apresentar argumentos sobre a necessidade do arrependimento; mas apenas o Espírito pode gerar a *metanoia*, a transformação radical da mente e do coração que está no cerne da conversão cristã.

John Stott, em "Batismo e Plenitude do Espírito Santo", observou que:

sem o Espírito Santo, o discipulado cristão seria inconcebível, até mesmo impossível. Não pode haver vida sem o Dador da vida, nem compreensão sem o Espírito da verdade, nem comunhão sem a unidade do Espírito, nem semelhança a Cristo sem o seu fruto, e nenhum testemunho eficaz sem o seu poder (STOTT, 2007, p. 12).

Cada elemento dessa enumeração, vida, compreensão, comunhão, santificação, testemunho, diz respeito a dimensões da existência que pressupõem uma relação pessoal e dinâmica com o Espírito Santo.

A segunda operação irreproduzível é a iluminação, a capacidade do Espírito de abrir a mente do crente para compreender as Escrituras em profundidade transformadora. Paulo afirma em 1 Coríntios 2:10-12 "Deus, porém, o revelou a nós por meio do Espírito. O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus. Pois quem conhece os pensamentos do homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, ninguém conhece os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus." A IA pode acessar e correlacionar informações sobre as Escrituras em escala monumental. Ela não pode, porém, "sondar as profundezas de Deus", pois isso é prerrogativa exclusiva do Espírito.

Stanley Horton, em "A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento", descreve a iluminação como uma operação contínua do Espírito que capacita o crente a discernir a vontade de Deus e aplicar a Palavra ao contexto específico de sua vida (HORTON, 1993). Essa aplicação contextual e personalizada é fundamentalmente diferente de uma busca em banco de dados, pois pressupõe um relacionamento pessoal entre o Espírito e o crente, mediado pela Palavra.

A terceira operação é a unção ministerial, a capacitação sobrenatural do pregador, conselheiro ou intercessor para o exercício do ministério além de suas capacidades naturais. Jesus a descreve em Lucas 4:18-19: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para levar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano do favor do Senhor." Essa unção não é uma qualidade do texto, mas uma presença do Espírito sobre aquele que o proclama. É por isso que o mesmo sermão, pregado com unção e sem ela, produz resultados radicalmente diferentes, não porque as palavras sejam diferentes, mas porque a presença ou ausência do Espírito é diferente.

Fee sintetiza essa perspectiva ao argumentar que, para Paulo:

o Espírito é uma pessoa que encarna a própria presença de Deus, que habita e capacita o povo de Deus nesta era presente (FEE, 1994, p. 20).

Essa habitação e capacitação são experiências pessoais e relacionais que pressupõem um sujeito capaz de ser habitado, e a IA, por definição, não é esse sujeito.

2.4 O LIMITE DO ALGORITMO: DISCERNIMENTO VERSUS PROCESSAMENTO DE DADOS

A distinção entre o discernimento espiritual e o processamento de dados é, talvez, o argumento central deste trabalho. Ela determina não apenas o que a IA pode ou não fazer, mas qual é o espaço legítimo de sua atuação no contexto ministerial.

O discernimento espiritual, conforme descrito em 1 Coríntios 2:14-15, é uma faculdade do "homem espiritual", aquele que, habitado pelo Espírito Santo, é capaz de avaliar todas as coisas à luz da sabedoria divina. "Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente." O processamento de dados, por sua vez, opera exclusivamente no domínio da lógica formal e da probabilidade estatística. A IA não "discerne", ela calcula.

Essa diferença tem implicações práticas profundas. No contexto da pregação, significa que um sermão gerado por IA pode ser exegeticamente preciso, bem estruturado e homiléticamente competente, e ainda assim carecer da dimensão profética que o Espírito imprime à mensagem proclamada por um pregador ungido. No contexto do aconselhamento, significa que uma resposta gerada por IA pode ser psicologicamente

adequada, biblicamente embasada e emocionalmente sensível, e ainda assim ser incapaz de tocar a ferida mais funda da alma, porque essa cura requer a presença do Consolador.

Os filósofos da tecnologia Maarten Verkerk, Jan Hoogland, Jan van der Stoep e Marc de Vries, em "Filosofia da Tecnologia", argumentam que a tecnologia, por sua natureza, opera dentro de um horizonte de instrumentalidade, sendo sempre um meio para um fim pré-definido. O discernimento espiritual, por outro lado, é uma resposta ao agir soberano e imprevisível do Espírito, que "sopra onde quer" (João 3:8). Há uma incompatibilidade estrutural entre a lógica determinista do algoritmo e a liberdade soberana do Espírito.

Isso não significa que a IA seja inútil no contexto ministerial. Significa que ela é útil em domínios específicos e bem delimitados: pesquisa bibliográfica, organização de informações, triagem de demandas pastorais, geração de conteúdo auxiliar. Nesses domínios, ela funciona como uma ferramenta eficiente. O problema surge quando ela é convocada a operar além desses limites, quando é chamada a substituir o pregador ungido, o conselheiro empático ou o intercessor fiel.

2.5 O ACONSELHAMENTO MEDIADO: EMPATIA MIMÉTICA E O FRUTO DO ESPÍRITO

No campo do aconselhamento pastoral, a distinção entre a empatia simulada pela IA e o Fruto do Espírito é particularmente importante. A empatia, no contexto do aconselhamento bíblico, não é apenas uma habilidade comunicacional, mas uma manifestação do amor de Deus operando através de um ser humano rendido ao Espírito Santo.

A IA, por meio do Processamento de Linguagem Natural (PLN), é capaz de simular empatia com uma precisão impressionante. Ela reconhece padrões emocionais no texto do usuário e responde com palavras que, estatisticamente, são associadas a acolhimento, compreensão e encorajamento. Essa simulação pode ser útil em determinados contextos, especialmente como primeiro ponto de contato para pessoas em crise que ainda não estão prontas para falar com outro ser humano. Mas ela é, fundamentalmente, uma mimese, uma imitação estatística, não uma expressão de amor genuíno.

O Fruto do Espírito, descrito em Gálatas 5:22-23, "amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio", não é uma habilidade

programável. É o resultado de uma transformação interior operada pelo Espírito Santo em um ser humano que se rende ao Seu senhorio. Um conselheiro cristão que ora, estuda a Palavra, vive em comunhão com Deus e com a comunidade manifesta esse fruto não como uma técnica, mas como uma expressão de quem ele é em Cristo.

Norman Geisler, em "Ética Cristã: Alternativas e Questões Contemporâneas", ressalta que a ética cristã é fundamentalmente baseada na pessoa, em quem o crente é em Cristo, e não apenas em padrões de comportamento (GEISLER, 2010). Isso significa que o aconselhamento pastoral genuíno não é apenas a transmissão de conteúdo correto, mas a presença de uma pessoa transformada pelo Espírito que acompanha o aconselhado em sua jornada de transformação.

A conclusão teológica é clara: a IA pode ser a ponte que conduz ao conselheiro, mas não pode ser o conselheiro. Ela pode organizar a demanda, identificar padrões de crise, oferecer recursos bíblicos iniciais e facilitar o acesso a profissionais humanos. Mas a eficácia terapêutica na alma humana é uma operação de *Dinamis*, poder sobrenatural, que permanece como prerrogativa exclusiva do Espírito Santo agindo através de seres humanos.

3 AVALIAÇÃO CRÍTICA: PRÓS E CONTRAS DA IA NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

A introdução da Inteligência Artificial no ecossistema eclesiástico não deve ser recebida com otimismo ingênuo, nem com pessimismo tecnofóbico. Uma avaliação teológica rigorosa exige o discernimento das oportunidades que a técnica oferece para a expansão do Reino, bem como a identificação dos riscos que podem comprometer a autenticidade da fé e a dependência do Espírito Santo.

3.1 POTENCIALIDADES: A IA COMO CATALISADORA DA MISSÃO

O uso da IA na Igreja, quando submetido à ética cristã e à orientação do Espírito Santo, apresenta benefícios significativos que podem ser compreendidos à luz do conceito teológico de Graça Comum, a provisão de Deus para toda a humanidade que permite o florescimento da civilização e o avanço da missão.

Em primeiro lugar, destaca-se a acessibilidade e a tradução. A IA permite que o conteúdo bíblico e teológico rompa barreiras linguísticas com velocidade sem precedentes. Ferramentas de tradução em tempo real, geração de legendas automáticas e adaptação de conteúdo para diferentes idiomas e culturas têm o potencial de acelerar dramaticamente o cumprimento da Grande Comissão, "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações" (Mateus 28:19). O movimento de Lausanne, em seu relatório sobre "IA e o Futuro das Missões", identifica esse como um dos campos mais promissores de aplicação da IA no contexto missionário global.

Em segundo lugar, a eficiência na gestão representa uma forma de mordomia responsável dos recursos da Igreja. A automação de processos administrativos, controle financeiro, gestão de membros, comunicação institucional, organização de eventos liberta a liderança de tarefas burocráticas para que possa se dedicar ao que é verdadeiramente essencial a oração, o ensino e o cuidado pastoral. Os Apóstolos já reconheceram esse princípio em Atos 6:2-4, quando delegaram a administração da distribuição de alimentos para que pudessem se dedicar "à oração e ao ministério da Palavra."

Em terceiro lugar, o suporte no aconselhamento como ferramenta de triagem apresenta valor real. Em igrejas de grande porte, onde a demanda por aconselhamento frequentemente supera a disponibilidade de pastores e conselheiros treinados, um sistema

de IA bem configurado pode garantir que ninguém fique sem uma resposta inicial, organizar o fluxo de atendimento por urgência e gravidade, oferecer recursos bíblicos e devocionais enquanto a pessoa aguarda o atendimento humano, e identificar situações de risco que requerem intervenção imediata.

Em quarto lugar, a IA apresenta potencial significativo no campo do estudo bíblico e da educação teológica. Ferramentas de pesquisa exegética, acesso a comentários e dicionários teológicos, geração de planos de estudo personalizados e apoio à preparação de lições para grupos de discipulado são aplicações em que a IA demonstra valor claro e sem os riscos associados às aplicações mais sensíveis.

Em quinto lugar, o alcance missionário digital representa uma fronteira ainda pouco explorada. A IA pode ser utilizada para identificar pessoas que buscam conteúdo espiritual nas redes sociais, personalizar a comunicação evangelística para diferentes perfis e contextos, manter contato com pessoas em processo de busca espiritual e facilitar o acesso a recursos que respondam às perguntas mais frequentes sobre a fé cristã. Nesse campo, a IA funciona como um instrumento de pré-evangelismo, pois ela não converte, mas pode preparar o terreno para que o Espírito Santo opere por meio de seres humanos comprometidos com a missão.

3.2 RISCOS E DESAFIOS: A DESUMANIZAÇÃO E A IDOLATRIA DO ALGORITMO

Os riscos associados ao uso irresponsável ou excessivo da IA no contexto eclesial são tão reais quanto as oportunidades. Uma Igreja que não os reconhece e não estabelece limites claros corre o risco de comprometer o que é mais essencial em sua identidade e missão.

O primeiro e mais grave risco é a substituição da presença real. A encarnação de Cristo, "A Palavra se tornou carne e habitou entre nós" (João 1:14), é o modelo definitivo do ministério cristão, Deus veio em pessoa, não enviou um representante digital. A redenção passa pela presença. O consolo passa pelo abraço. O discipulado acontece na convivência. Uma Igreja que delega progressivamente suas funções pastorais a sistemas de IA corre o risco de criar o que poderíamos chamar de "fé sem corpo", uma experiência religiosa desencarnada, individualista e desprovida do calor do Fruto do Espírito manifestado em relacionamentos humanos reais.

O segundo risco é o da pregação sintética. A utilização de IA para gerar sermões pode, a longo prazo, levar à atrofia espiritual do pregador. A preparação homilética não é apenas um processo de produção de conteúdo, é uma disciplina espiritual que forma o pregador ao mesmo tempo em que forma a mensagem. A luta pessoal com o texto sagrado, a oração pela congregação, o estudo aprofundado e a espera diante de Deus são práticas que moldam o caráter e aprofundam a intimidade do pregador com o Espírito Santo.

O terceiro risco é o da dependência excessiva e da superficialidade espiritual. Os filósofos Os Guinness, em "O Chamado", e Francis Schaeffer alertam para a tendência humana de substituir a disciplina espiritual formativa por soluções técnicas imediatas que produzem resultado aparente sem transformação interior.

A IA pode se tornar exatamente esse atalho, um substituto para a oração profunda, para o estudo diligente da Palavra e para o cultivo da vida interior.

O quarto risco é o viés algorítmico. Algoritmos são treinados em bases de dados humanas que contêm preconceitos, distorções interpretativas e perspectivas teológicas específicas. Uma IA "teológica" treinada predominantemente em conteúdo de uma tradição denominacional específica pode reproduzir legalismos, hermenêuticas questionáveis ou perspectivas teológicas limitadas como se fossem verdades universais. Além disso, a proteção de dados sensíveis no contexto do aconselhamento é um imperativo ético crítico, as informações compartilhadas em um processo de aconselhamento são de natureza profundamente íntima, e sua exposição a sistemas de IA representa um risco real de violação da privacidade e da confiança.

O quinto risco é o que podemos denominar de idolatria do algoritmo, a tendência de atribuir à tecnologia uma confiança e uma dependência que deveriam ser direcionadas exclusivamente a Deus. Quando uma congregação passa a avaliar o sucesso de seu ministério pelas métricas de engajamento digital, quando a eficácia da pregação é medida pela performance do algoritmo e quando o cuidado pastoral é delegado a sistemas automatizados por razões de eficiência, algo fundamental foi distorcido.

3.3 ALGORÉTICA: ÉTICA CRISTÃ APLICADA À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O conceito de Algorética, neologismo formado pela combinação de "algoritmo" e "ética", designa o campo emergente da ética relacionada à IA e aos algoritmos. No

contexto cristão, a Algorética não é apenas uma disciplina técnica, mas uma expressão da responsabilidade do ser humano, como portador da *Imago Dei*, de exercer domínio sábio e responsável sobre as ferramentas que cria.

Norman Geisler define a ética cristã como o estudo de como o crente deve agir em consonância com o caráter de Deus e com os princípios revelados nas Escrituras (GEISLER, 2010). Aplicada à IA, essa definição gera questões específicas: Como a IA afeta a dignidade humana? Seus resultados são verdadeiros? Ela promove ou compromete a justiça? Ela facilita ou dificulta o amor ao próximo?

A Igreja Adventista do Sétimo Dia publicou um documento intitulado "Princípios éticos para o uso da inteligência artificial" que representa uma das primeiras tentativas institucionais de uma denominação cristã de articular diretrizes éticas para o uso da IA. O documento aborda questões como a responsabilidade humana sobre os resultados gerados pela IA, a necessidade de transparência sobre o uso dessas ferramentas, a proteção da privacidade dos usuários e a importância de manter o discernimento humano e espiritual como instância final de avaliação.

A Algorética cristã precisa ir além, contudo, das questões de privacidade e transparência, que são compartilhadas com a ética secular da IA. Ela precisa articular princípios que sejam especificamente derivados da teologia bíblica e que respondam às questões que são exclusivas do contexto eclesial. Quando o uso da IA representa uma expressão legítima do Mandato Cultural? Quando ele representa uma violação da dependência do Espírito Santo? Como distinguir a eficiência ministerial legítima da substituição ilegítima do agir divino?

A resposta a essas perguntas não é um conjunto fixo de regras, mas um processo de discernimento contínuo orientado por quatro critérios fundamentais: a centralidade do Espírito Santo em toda prática ministerial (1 Coríntios 2:10-14); a preservação da comunhão autêntica e encarnada (Atos 2:42-47); a fidelidade à Palavra de Deus como norma suprema (2 Timóteo 3:16-17); e o respeito incondicional à dignidade humana como portadora da *Imago Dei* (Gênesis 1:26-27).

3.4 SÍNTESE AVALIATIVA: A TENSÃO ENTRE O ÚTIL E O ESSENCIAL

A avaliação crítica realizada neste capítulo aponta para uma tensão necessária e produtiva. A IA é útil para o fazer da Igreja, isto é, organizar, traduzir, gerir, alcançar e

pesquisar. Mas ela é incapaz de sustentar o ser da Igreja: comunhão, adoração, *metanoia*, discipulado, intercessão e cuidado pastoral genuíno.

Essa distinção entre o fazer e o ser da Igreja é teologicamente fundamental. A Igreja não é uma organização de serviços religiosos, é o Corpo de Cristo, habitado e animado pelo Espírito Santo, chamado a ser a presença tangível do Reino de Deus no mundo. O que a define não é a eficiência de seus processos, mas a autenticidade de sua comunhão com Deus e entre seus membros.

A IA pode, portanto, ser um instrumento valioso a serviço da missão, mas apenas quando mantida em seu lugar de servidão. O poder maior reside no Espírito, e qualquer ferramenta que tente usurpar o papel do Consolador na vida do crente deve ser reconhecida como uma distorção. A avaliação teológica exige que a Igreja mantenha uma postura de soberania espiritual sobre as ferramentas que utiliza, e não o contrário.

4 DIRETRIZES TEOLÓGICAS PARA O USO RESPONSÁVEL DA IA NA IGREJA

Com base nos fundamentos bíblicos e teológicos estabelecidos no capítulo anterior e na avaliação crítica das práticas atuais, este capítulo propõe cinco diretrizes teológicas para orientar o uso responsável da Inteligência Artificial no contexto ministerial evangélico. Essas diretrizes não pretendem ser exaustivas, mas servir como princípios balizadores para o discernimento de cada congregação em seu contexto específico.

4.1 PRINCÍPIO 1: A PRIMAZIA DO ESPÍRITO

O uso de qualquer ferramenta tecnológica, incluindo a IA, deve estar subordinado à primazia da ação do Espírito Santo. Isso significa que nenhuma tecnologia deve ser introduzida em práticas ministeriais essenciais, como pregação, oração, aconselhamento e discipulado, sem que se avalie, de forma rigorosa e honesta, se ela fortalece ou enfraquece a dependência do Espírito Santo.

Na prática, isso implica que o uso de IA na preparação de sermões deve ser claramente instrumental, como ferramenta de pesquisa e organização, e nunca substitutivo da luta pessoal do pregador com o texto sagrado, da oração e da espera diante de Deus. Implica também que aplicativos de oração devem ser avaliados à luz da pergunta, essa ferramenta aproxima o crente de Deus ou cria uma mediação tecnológica que enfraquece a intimidade da relação pessoal com o Senhor?

Stott sintetiza esse princípio ao afirmar que "a vida cristã é vida no Espírito; seria impossível ser cristão, ou mesmo crescer como cristão, sem o ministério do gracioso Espírito de Deus. Tudo que temos e somos como cristãos devemos a Ele" (STOTT, 2007, p. 8). Qualquer uso de IA que comprometa essa dependência fundamental deve ser recusado, independentemente de sua eficiência técnica.

4.2 PRINCÍPIO 2: A INSUBSTITUIBILIDADE DA PRESENÇA HUMANA

O ministério cristão é fundamentalmente encarnacional, segue o padrão do Verbo que se fez carne e habitou entre nós. Isso significa que há dimensões do ministério que requerem, por sua própria natureza, a presença de um ser humano: o olhar compassivo, o

abraço consolador, a oração intercedida com lágrimas, a palavra profética que nasce de uma vida rendida ao Espírito.

A diretriz prática que decorre desse princípio é clara, a IA pode facilitar o acesso ao cuidado pastoral, mas nunca pode substituí-lo. No aconselhamento, a IA pode ser uma primeira porta de entrada, mas a meta deve ser sempre conduzir a pessoa ao encontro com um conselheiro humano. Na pregação, a IA pode apoiar a preparação, mas nunca substituir o pregador ungido. Na oração, aplicativos podem oferecer sugestões e guias, mas nunca substituir a comunhão direta com o Pai.

Os Atos dos Apóstolos descrevem uma comunidade que "perseverava na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações" (Atos 2:42). Essa perseverança era marcada pela presença, pelo encontro real de pessoas reais, compartilhando a vida umas com as outras e com o Senhor. Qualquer uso de tecnologia que comprometa essa dimensão essencial da vida comunitária deve ser recusado ou severamente limitado.

4.3 PRINCÍPIO 3: MORDOMIA DIGITAL

A Mordomia, como princípio bíblico, ensina que os crentes são administradores, e não donos, dos recursos que Deus lhes confia. Isso se aplica também aos recursos tecnológicos. A Igreja tem a responsabilidade de utilizar os recursos disponíveis, incluindo a IA, de forma sábia, eficiente e a serviço da missão.

Mordomia Digital significa, portanto, utilizar a IA onde ela agrega valor real à missão sem comprometer os valores do Reino. Significa automatizar processos administrativos para liberar pessoas para o ministério; utilizar ferramentas de pesquisa e análise para aprofundar o conhecimento das Escrituras; empregar recursos de tradução e comunicação para ampliar o alcance do Evangelho; e usar sistemas de organização para garantir que ninguém caia nas brechas do cuidado pastoral.

Ao mesmo tempo, Mordomia Digital significa reconhecer os limites da tecnologia e resistir à tentação de utilizá-la além de sua competência. Uma igreja que investe recursos significativos em plataformas de IA para aconselhamento automatizado, em vez de investir na formação e sustentação de conselheiros pastorais treinados, está praticando uma mordomia distorcida, priorizando a eficiência sobre a profundidade.

4.4 PRINCÍPIO 4: VIGILÂNCIA TEOLÓGICA (ALGORÉTICA)

A Igreja tem responsabilidade profética de exercer vigilância teológica sobre o uso da IA, tanto internamente, em suas próprias práticas, quanto externamente, como voz ética na sociedade. Essa vigilância é o que denominamos Algorética: a aplicação dos princípios éticos cristãos ao desenvolvimento e uso de algoritmos e sistemas de IA.

Internamente, a vigilância teológica significa que toda ferramenta de IA utilizada pela Igreja deve ser avaliada criticamente à luz das Escrituras antes de sua adoção; que os resultados gerados pela IA devem sempre ser revisados e validados por lideranças teologicamente capacitadas; que a proteção da privacidade e da dignidade dos usuários deve ser um imperativo inegociável; e que o uso de IA deve ser transparente, de modo que as congregações devem saber quando estão interagindo com um sistema automatizado.

Externamente, a vigilância teológica convoca a Igreja a participar do debate público sobre o desenvolvimento ético da IA; a defender a dignidade humana em um contexto em que há pressão crescente para substituir trabalhadores humanos por sistemas automatizados; e a oferecer uma perspectiva ancorada na criação, que reconhece tanto a legitimidade do desenvolvimento tecnológico quanto os limites impostos pela dignidade irredutível do ser humano como portador da *Imago Dei*.

4.5 PRINCÍPIO 5: A MISSÃO COMO CRITÉRIO FINAL

O critério final para a avaliação do uso de qualquer tecnologia, incluindo a IA, no contexto eclesial é a missão de Deus no mundo. A pergunta determinante não é "isso é tecnicamente possível?" nem "isso é eficiente?", mas "isso serve ao propósito de Deus de fazer discípulos de todas as nações e edificar o Corpo de Cristo?"

Quando a IA facilita o cumprimento da missão, ampliando o alcance do Evangelho, removendo barreiras de acesso, liberando pessoas para o ministério, ela deve ser utilizada com gratidão e criatividade. Quando ela compromete a missão, desumanizando o cuidado pastoral, enfraquecendo a dependência do Espírito, substituindo a comunhão real por interações virtuais, ela deve ser limitada ou recusada.

Os filósofos da tecnologia Verkerk et al. lembram que toda tecnologia carrega uma visão de mundo implícita, um conjunto de valores e pressupostos sobre o que é importante e o que é humano. A Igreja tem a responsabilidade de ser suficientemente crítica para identificar quando a visão de mundo embutida na tecnologia é compatível

com o Evangelho e quando ela é contrária a ele. O critério da missão serve como bússola nesse discernimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente avaliação teológica da Inteligência Artificial no contexto do ministério evangélico permitiu compreender que a tecnologia, embora disruptiva em sua profundidade e abrangência, não altera os fundamentos ontológicos e pneumatológicos da fé cristã. Ao longo deste trabalho, ficou demonstrado que a distinção entre o processamento de dados binários e o agir soberano do Espírito Santo é o balizador essencial para uma adoção ética e ministerial da IA.

O primeiro capítulo mapeou o cenário prático atual, revelando que a IA já está presente no cotidiano de igrejas evangélicas em todo o mundo, na geração de sermões, nos aplicativos de oração, nos chatbots de aconselhamento e nas ferramentas de gestão eclesial. Esse mapeamento deixou claro que a Igreja não pode mais adiar a reflexão teológica sobre o tema, pois ela já está tomando decisões práticas, muitas vezes sem a fundamentação necessária.

O segundo capítulo estabeleceu os fundamentos bíblicos e teológicos que permitem avaliar criticamente essas práticas. A Antropologia Bíblica revelou a singularidade ontológica do ser humano como receptor do *Nishmat Chayim*, uma dimensão que a IA, por definição, não possui. A Pneumatologia identificou as operações irreproduzíveis do Espírito Santo, a saber o convencimento, a iluminação e a unção, que são fundamentais para o ministério cristão genuíno. Autores como John Stott e Gordon Fee contribuíram para aprofundar essa fundamentação, demonstrando que a vida cristã é, em sua essência, vida no Espírito, e que nenhuma ferramenta pode substituir essa realidade.

O terceiro capítulo realizou a avaliação crítica, reconhecendo tanto as potencialidades quanto os riscos do uso da IA na Igreja. As potencialidades, como a acessibilidade missionária, a eficiência administrativa e o suporte pastoral em triagem, são reais e devem ser aproveitadas com responsabilidade. Os riscos, como a substituição da presença humana, a pregação sintética, a idolatria do algoritmo e o viés teológico, são igualmente reais e requerem vigilância constante.

O quarto capítulo propôs cinco diretrizes teológicas para o uso responsável da IA, a Primazia do Espírito, a Insostituibilidade da Presença Humana, a Mordomia Digital, a Vigilância Teológica (Algorética) e a Missão como Critério Final. Essas diretrizes não

constituem um regulamento rígido, mas um quadro hermenêutico que cada congregação pode aplicar em seu contexto específico.

Em resposta ao problema de pesquisa formulado, conclui-se que a Igreja Evangélica pode e deve utilizar a Inteligência Artificial como uma ferramenta de mordomia e diaconia, o que este trabalho denominou "diácono tecnológico". Sistemas como o ChatGPT, o Gemini e outras plataformas podem cumprir um papel legítimo na gestão de recursos, na organização do cuidado pastoral e na ampliação do alcance missionário. Nessas funções, eles servem como extensões da capacidade humana de ordenar e administrar o mundo para a glória de Deus, uma expressão legítima do Mandato Cultural.

Contudo, a avaliação pneumatológica reafirma que a eficácia do ministério não reside na técnica, mas na unção. Poder-se-ia objetar, a partir da doutrina reformada dos meios de graça, que Deus, em Sua soberania absoluta, pode utilizar qualquer instrumento, inclusive sistemas de inteligência artificial como canal para a Sua obra. Esta objeção, porém, confunde o papel instrumental do meio com a natureza do agente.

A prensa de Gutenberg e o rádio foram meios pelos quais o texto da Palavra alcançou o ouvinte; o Espírito agiu por meio da Palavra proclamada, não pela tecnologia como tal. O problema específico da IA no contexto pastoral é de outra ordem: ela não transmite a Palavra, ela a gera, interpreta e personaliza, assumindo funções que na tradição bíblica pertencem ao pregador ungido, ao conselheiro transformado e ao intercessor fiel. A distinção relevante não é sobre a soberania de Deus, que permanece intacta, mas sobre o papel insubstituível do instrumento humano como sujeito espiritual no ministério, papel que a IA, por definição ontológica, não pode ocupar.

É necessário reconhecer as limitações que circunscrevem este estudo. O referencial teológico adotado é predominantemente reformado e batista, o que implica que as cinco diretrizes propostas no Capítulo 4 demandarão adaptação para tradições pentecostais e carismáticas, nas quais a teologia do Espírito Santo e a prática ministerial assumem configurações distintas. Além disso, o trabalho é fundamentado em revisão bibliográfica narrativa, sem dados empíricos sobre os impactos concretos do uso da IA em congregações específicas. Pesquisas futuras poderiam verificar empiricamente, por meio de entrevistas com lideranças e estudos de caso em igrejas de diferentes tradições, como as diretrizes aqui propostas operam na prática eclesial brasileira.

A recomendação final deste estudo é que a Igreja avance para a fronteira digital com discernimento, coragem e dependência do Espírito Santo. A tecnologia deve servir

ao homem, e o homem deve servir a Deus. O uso da IA deve ser sempre instrumental e nunca substitutivo. Ao manter a primazia da presença real, da comunhão (*koinonia*) e da dependência do Consolador, a Igreja poderá usufruir dos benefícios extraordinários da era digital sem comprometer sua essência espiritual, utilizando a inteligência criada para a glória do Criador, sob a soberania do único Senhor do qual toda a sabedoria, humana e artificial, é sombra e reflexo.

REFERÊNCIAS

- MOLTMANN, Jürgen. O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HERZFELD, Noreen. In Our Image: Artificial Intelligence and the Human Spirit. Minneapolis: Fortress Press, 2002.
- BORGSMANN, Albert. Technology and the Character of Contemporary Life. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- CROUCH, Andy. Culture Making: Recovering Our Creative Calling. Downers Grove: IVP Books, 2008.
- LAUSANNE MOVEMENT. IA e o Futuro das Missoes: fe genuína, inteligência artificial. Lausanne, 2024. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/global-analysis/ia-e-o-futuro-das-missoes-fe-genuina-inteligencia-artificial>>. Acesso em: 24 agosto 2025.
- ACONSELHAMENTO Bíblico por IA Generativa. Lucas Pedro, 11 out. 2024. Disponível em: <<https://lucaspedro.com.br/2024/10/11/aconselhamento-biblico-por-ia-generativa/>>. Acesso em: 10 agosto 2025.
- CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA (CBB). A Inteligência Artificial e a Igreja: desafios e oportunidades à luz da fé cristã. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/site/pagina.php?ART_ID=807>. Acesso em: 12 agosto 2025.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Fundamentos da Teologia Reformada. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- CROSSTALK. CrossTalk: Bible Chat + Oração. Google Play, [s.d.]. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.manifestautomation.biblechat&hl=pt_BR>. Acesso em: 12 agosto 2025.
- DESAFIOS e oportunidades da IA na igreja. RTM Brasil, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.rtmbrasil.org.br/radio/programas/fique-por-dentro/desafios-e-oportunidades-da-ia-na-igreja>>. Acesso em: 17 agosto 2025.
- ELLUL, Jacques. A Técnica e o Desafio do Século. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

EXIBIR GOSPEL. Igreja usa inteligência artificial para "trazer à vida" personagens bíblicos nos cultos. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://exibirgospel.com.br/>>. Acesso em: 17 agosto 2025.

FEE, Gordon D. Paulo, o Espírito e o Povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 1994.

FUTURO.OOO. SermonGPT: Assistente Virtual. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.futuro.ooo/ferramenta/sermongpt/r/recM7H5BETmBKI6lH>>. Acesso em: 17 agosto 2025.

GEISLER, Norman. Ética Cristã: Alternativas e Questões Contemporâneas. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GUIAME. "Fim dos tempos": Pastor gera polêmica ao criar aplicativo de oração por IA. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://guiame.com.br>>. Acesso em: 17 agosto 2025.

GUIAME. Igreja usa IA para mostrar personagens bíblicos durante cultos em SP. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://guiame.com.br>>. Acesso em: 24 agosto 2025.

GUINNESS, Os. O Chamado. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

LOGOS. Sermon Assistant. Faithlife Corporation, [s.d.]. Disponível em: <<https://pt.logos.com/explorenovologos>>. Acesso em: 12 maio 2026.

HORTON, Stanley M. A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

IA ADVENTISTA: conheça a 7Chat. [S.l.]: YouTube, [s.d.]. 1 vídeo (aprox. 5 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TtNlaKJlAx4>>. Acesso em: 24 agosto 2025.

IA E O FUTURO DAS MISSÕES: Fé genuína, inteligência artificial... Lausanne, [s.d.]. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/global-analysis/ia-e-o-futuro-das-missoes-fe-genuina-inteligencia-artificial>>. Acesso em: 24 agosto 2025.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.

Princípios éticos para o uso da inteligência artificial. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://institucional.adventistas.org/pt/documentos/principios-eticos-para-o-uso-da-inteligencia-artificial/>>. Acesso em: 24 agosto 2025.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL e Espiritualidade. IG Tecnologia, 10 fev. 2025.
Disponível em: <<https://tecnologia.ig.com.br/>>. Acesso em: 31 agosto 2025.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL e ética cristã: uma reflexão sobre o capital moral e os desafios tecnológicos contemporâneos. Invisible College, [s.d.]. Disponível em: <<https://theinvisiblecollege.com.br/>>. Acesso em: 31 agosto 2025.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PODE AJUDAR NA PREGAÇÃO? UM DEBATE IMPERDÍVEL! [S.l.]: YouTube, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HN1vzqx_6f4>. Acesso em: 31 agosto 2025.

INOVAÇÃO tecnológica coloca em xeque a autenticidade da mensagem do Evangelho. Revista Show da Fé, [s.d.]. Disponível em: <<https://revistashowdafe.com.br/>>. Acesso em: 31 agosto 2025.

NOOSFERA e Graça: A Fé Cristã na Era da Inteligência Artificial. Observador, [s.d.]. Disponível em: <<https://observador.pt>>. Acesso em: 31 agosto 2025.

O USO da inteligência artificial na elaboração de sermões e seu impacto na missão da Igreja. Reviiv, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.reviiv.com.br/>>. Acesso em: 07 setembro 2025.

PRAY THE BIBLE. Pray the Bible: AI Prayer App. Google Play, [s.d.]. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.ptb_bible_app&hl=pt_PT>. Acesso em: 07 setembro 2025.

SCHAEFFER, Francis A. Como Viveremos? São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

STOTT, John. Batismo e Plenitude do Espírito Santo. São Paulo: Vida Nova, 2007.

VERKERK, Maarten J. et al. Designing in Ethics. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.